

UM MAPA DE NAVEGAÇÃO EM TEMPOS OBSCUROS

GADOTTI, Moacir

RESUMO

O autor sustenta a atualidade das intuições originais de Paulo Freire e argumenta em favor das celebrações do seu centenário, desde que isso não seja simplesmente para repeti-lo, mas, para que seja reinventado. Ressalta a conectividade radical de Paulo Freire, como um cruzador de fronteiras e um pensador da cultura. Conclui afirmando que, em tempos obscuros como os que estamos vivendo, Paulo Freire pode nos ajudar na descoberta de novos caminhos para um projeto de mundo de iguais e diferentes, onde todos e todas possam dizer a sua palavra e construir sua própria história.

Palavras-chave: Educação e Política. Menino conectivo. Educação Popular. Política pública. Sistema Paulo Freire. Pensador da cultura. Centenário de Paulo Freire.

ABSTRACT

The author supports the actuality of Paulo Freire's original intuitions and argues in favor of his centenary celebrations, as long as this is not simply to repeat it, but to reinvent it. It emphasizes the radical connectivity of Paulo Freire, as a border crosser and a thinker of culture. He concludes by stating that, in obscure times like the ones we are living in, Paulo Freire can help us in discovering new paths for a world project of the same and different, where everyone can say his word and build his own history.

Keywords: Education and Politics. Connective Boy. Popular Education. Public Policy. Paulo Freire System. Thinker of Culture. Paulo Freire's Centenary.

No dia 19 de setembro de 2021, celebraremos os 100 anos de Paulo Freire. Uma data histórica. As homenagens começaram em 2020, rumo ao centenário. A data não está passando em branco. Alguns poderiam perguntar: por que celebrar esse centenário? Qual o sentido dessas homenagens?

Eu também me coloquei essa pergunta, lembrando que Paulo Freire não gostava de homenagens, mas, dizia que as aceitava porque se tratava não tanto

de homenagear a pessoa dele, mas reconhecer a importância do que ele defendia. Chegou a dizer, ao receber o título de Cidadão Paulistano, que, se algum dia deixasse de acreditar no que motivou a entregue daquele título, os paulistanos deveriam retirar esse título. Eu presenciei essa cena.

Então fica hoje a pergunta: por que estamos nos propondo homenagear Paulo Freire no ano do seu centenário? O que ele fez para merecer tantas homenagens? Qual é o sentido dessas homenagens?

Poderia começar dizendo que, depois de Paulo Freire, já não é mais possível afirmar que a educação é neutra; que ele foi o primeiro educador a criar um método de alfabetização específico para a educação de adultos.

As **intuições originais** de Paulo Freire marcaram a educação contemporânea. Entre elas: a reflexão crítica sobre a prática como base para a construção do conhecimento; o reconhecimento da legitimidade do saber popular; um método de ensino-aprendizagem e de pesquisa que parte da leitura do mundo; uma teoria do conhecimento fundamentada numa antropologia; enfim, uma ciência aberta às necessidades populares.

Essas e outras contribuições de Paulo Freire à compreensão do ato educativo são hoje reconhecidas mundo afora e continuam muito atuais. Ele recusa o pensamento fatalista e propõe uma pedagogia comprometida com a cidadania e a ética como referenciais básicos na busca pela radicalização da democracia.

Então, poderia concluir que há razões para celebrar Freire.

Mas precisamos nos perguntar ainda sobre o sentido dessas celebrações.

1. “PARA SEGUIR-ME, O FUNDAMENTAL É NÃO ME SEGUIR”

Creio que o sentido dessas celebrações está exatamente na possibilidade de poder dar continuidade às pro-posições político-pedagógicas que ele tomou e às **causas** que ele defendeu e, sobretudo, reinventá-las em nosso atual contexto. Freirianos não são seguidores de ideias. São mais criadores de espíritos. Ele mesmo chegou a dizer: “a única maneira que alguém tem de aplicar, no seu contexto, alguma das proposições que fiz é exatamente refazer-me, quer dizer, não seguir-me. Para seguir-me, o fundamental é não me seguir” (Freire & Faundez, 1985: 41).

E mais, precisamos ter uma visão mais estruturante, estratégica, e não conjuntural, eventual, dessas celebrações. Honrar um autor é lê-lo, estudá-lo, aprender as lições deixadas por ele, para que nós possamos ir além dele, dizendo a nossa palavra e fazendo a nossa própria história. Não copiar e repetir histórias.

Mas, existem outras causas freirianas que devemos celebrar. Entre elas a luta por uma escola pública popular, transformadora, uma escola democrática, emancipadora. Celebrar Paulo Freire é lutar para democratizar a escola e educar para e pela cidadania. Temos certeza que direitos são uma conquista e não uma doação. Por isso, não se trata apenas de celebrar a escola democrática, mas de lutar por uma escola que forme o povo soberano - acreditando que o povo pode mudar o rumo da história.

E como nossa celebração não é uma pura homenagem, é um compromisso com uma causa, nossa proposta de celebração do centenário de Paulo Freire é um

convite e um compromisso com uma escola de luta, um compromisso com uma educação popular. Celebrar não é esperar que o amanhã chegue a nós. É fazer, desde já, o amanhã que desejamos. Não é pura espera. É esperarçar.

Paulo Freire confessou, certa vez, que se considerava como um **“menino conectivo”**. Ele conseguia criar laços entre diferentes pessoas e culturas, interligar as categorias da história, da política, da economia, de classe, gênero, etnia, estabelecendo pontos comuns por meio da experiência da diferença e do confronto de opostos. Essa característica não era apenas pessoal. Era também epistemológica e política.

Esse pluralismo freiriano não se confundia com ecletismo. Ele tinha uma posição, afirmava-a com clareza ideológica, e, a partir dela, podia dialogar com posições iguais ou diferentes. Mas, dizia que entre antagônicos podemos conversar, não dialogar. O diálogo tem como pressupostos a igualdade de condições e a reciprocidade, o que não existe entre antagônicos. Por isso, entre antagônicos o que existe é o conflito.

A concepção freiriana da conectividade está estampada na epígrafe do seu livro mais conhecido, *Pedagogia do oprimido*: “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”. Esse livro teve grande repercussão porque expressava o que muita gente já tinha em mente em seus sonhos e utopias, um mundo de iguais e diferentes, com justiça social, amorosidade, solidariedade, “um mundo em que seja menos difícil amar”, como afirma ele na última página desse livro.

Sua filosofia educacional cruzou as fronteiras das disciplinas, das ciências e das artes, para além da América Latina, criando raízes nos mais variados solos. Ele escreve para educadores e não-educadores, para médicos, científicas sociais, para físicos, estudantes, pais e mães, operários, camponeses e outros. Sindicatos, igrejas, movimentos sociais e populares foram responsáveis por uma grande difusão e debate de suas ideias, servindo de guia para a ação transformadora. Alfabetizadores, intelectuais de esquerda, indígenas, marginalizados, militantes políticos, universitários, políticos, trabalhadores sociais e outros, utilizaram-se de suas teses para defender seus próprios pontos de vista.

2. MARCAS DE UM LEGADO

Não há dúvida de que Paulo Freire deu uma grande contribuição à educação para a justiça social (Torres, 2014) e à concepção dialética da educação (Gadotti, 1996). A pedagogia autoritária e seus teóricos combatem suas ideias justamente por seu caráter emancipatório e dialético. Seja como for, aceitemos ou não suas ideias, ele constitui um marco decisivo na história do pensamento pedagógico mundial. Não se pode reduzir a contribuição de Paulo Freire apenas à alfabetização popular de adultos. Sua contribuição ultrapassa seu método, situando-se num âmbito mais amplo da educação e da teoria do conhecimento.

Paulo Freire deixou, como legado, uma filosofia política e educacional e um método de investigação e de pesquisa, ancorados numa antropologia e numa teoria do conhecimento, imprescindíveis não só para a formação crítica do educador, mas, igualmente, para a formação de profissionais de outras áreas.

Ele destacou, como poucos, a **importância das políticas educacionais**, criticando a educação bancária, e propondo novos instrumentos técnico-metodológicos que estabeleceram os princípios fundantes qualitativos de procedimentos pedagógicos e de pesquisa científica na área de educação, em muitas partes do mundo, potencializando a criação de novas epistemologias e de novas filosofias políticas da educação.

A pergunta que podemos fazer hoje é a seguinte: esse projeto de uma educação para a construção de uma sociedade democrática com justiça social é ainda válido?

Creio que a sua pedagogia continua válida não só porque precisamos ainda de mais democracia, mais cidadania e de mais justiça social, mas, porque a escola e os sistemas educacionais encontram-se hoje frente a novos e grandes desafios diante da generalização da informação e do uso de novas tecnologias na sociedade. Para enfrentar esses novos desafios, a escola, nesse novo contexto, precisa tornar-se um organismo vivo e organizador dos múltiplos espaços de formação, precisa tornar-se um “círculo de cultura”, como dizia ele, muito mais gestora do conhecimento social do que lecionadora. E, para isso, Paulo Freire tem muito a contribuir, pois, em toda a sua vasta obra, ele insistiu nas metodologias, nas formas de aprender e ensinar, nos métodos de ensino e pesquisa, nas relações pessoais, enfim, no diálogo, necessário para aprender e ensinar com sentido. Como ele afirma em sua *Pedagogia da autonomia*, “ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (Freire, 1997: 67). Paulo Freire nos aponta para a educação do século XXI e não para a expansão da educação do século XIX.

A utopia é uma categoria central do pensamento de Paulo Freire. Por isso, ele se opõe diametralmente à **educação neoliberal**, pois o neoliberalismo recusa o sonho e a utopia. Na perspectiva neoliberal, bancária, da educação, a qualidade visa a uniformizar procedimentos e projetos. Nessa concepção da qualidade, os professores são excluídos da discussão das políticas educacionais. Eles não têm voz. O que se busca é a standardização (fordismo, toyotismo) da qualidade, da avaliação, da aprendizagem. Para essa concepção os docentes não têm conhecimento científico; seu saber é inútil. Por isso, não precisam ser consultados. Eles só precisam receber receitas, apenas “como fazer”, sem se perguntar porque fazer. Eles só servem para aplicar novas tecnologias. Se continuarmos nessa direção, a sala de aula perderá sua centralidade e a relação professor-aluno entrará em declínio em favor da relação aluno-computador.

Um dos grandes desafios da educação atual é justamente reverter heranças de uma concepção/realização da educação predominantemente autoritária e mercantil. É a esfera pública perdendo a hegemonia do projeto educacional para a esfera privada, transpondo para dentro da educação a ética do mercado. Ao contrário, Paulo Freire nos fala de uma “ética universal do ser humano” (Freire, 1997: 16), opondo-se ao pensamento neoliberal. Enquanto o pensamento freiriano é utópico, o pensamento neoliberal abomina o sonho e a utopia. No seu livro *Pedagogia da autonomia* ele destaca: “daí a crítica permanentemente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia. Daí a minha raiva, legítima raiva, que envolve o meu

discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo. Daí o meu nenhum interesse de, não importa que ordem, assumir um ar de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos. Em tempo algum pude ser um observador 'acinzentadamente' imparcial, o que, porém, jamais me afastou de uma posição rigorosamente ética" (Freire, 1997: 15).

A ideologia neoliberal considera a educação como um serviço, uma mercadoria, e não como um direito. A sua referência é o mercado, não a cidadania. Seus projetos estão muito mais voltados para a compra de equipamentos e de material didático. Não são projetos educativos em seu sentido estrito. Essa ideologia não se pergunta sobre os fins da educação, pergunta que vem sendo intencionalmente omitida. É o domínio dos meios sobre os fins. Preocupamo-nos muito com a **qualidade da educação** - e precisamos sim nos preocupar - mas, antes de mais nada, precisamos saber de que qualidade estamos falando e de que educação estamos falando. A discussão da qualidade da educação e da avaliação pressupõe a discussão dos fins da educação e dos fins da avaliação.

A avaliação tem sido um dos temas mais debatidos na educação contemporânea. Nunca os meios de avaliação foram tão aperfeiçoados. Chegamos muito perto da perfeição. Mas não chegamos a discutir, com a mesma profundidade, o que estamos avaliando, porque estamos avaliando, "a favor de quem", "contra quem", diria Freire. Para entender o sentido da avaliação é preciso debruçar-se sobre o sentido da educação e da aprendizagem.

3. CONTRIBUIÇÕES AO PARADIGMA DA EDUCAÇÃO POPULAR

A educação é um processo universal, mas são muitas as concepções e práticas que a materializam. Por isso, é preciso qualificá-la, isto é, dizer de que educação estamos falando. Aqui nos referimos ao paradigma da Educação Popular que tem marcado a América Latina e que embasa inúmeras experiências e projetos inspirados em muitos educadores revolucionários como José Martí, Simon Bolívar, Simon Rodriguez, Orlando Fals Borda e Paulo Freire. Trata-se de uma rica e variada tradição reconhecida pelo seu caráter emancipatório, alternativo, alterativo e participativo (Brandão, 2006).

A educação não é um processo neutro. A Educação Popular, como toda educação, pressupõe um projeto de sociedade. O que a caracteriza é sua clara e explícita opção política. Em suas origens estão: o anarquismo do proletariado industrial do início do século passado; o socialismo autogestionário; o liberalismo radical europeu; os movimentos populares; as utopias de independência; as teorias da libertação e a pedagogia crítica, dialética.

Sem perder seus princípios, a Educação Popular vem se reinventando hoje, incorporando as conquistas das novas tecnologias, retomando velhos temas e incorporando outros: o tema das migrações, da diversidade, o lúdico, a sustentabilidade, a interdisciplinaridade, a questão de gênero, etnia, idade, desenvolvimento local, emprego e renda etc, mantendo-se sempre fiel à leitura do mundo das novas conjunturas.

Pode-se dizer que Paulo Freire foi o educador brasileiro que mais abriu as portas para a **Educação Popular como política pública** por meio de sua atuação como Secretário Municipal de Educação de São Paulo (Freire, 1991). Ele mostrou que a Educação Popular é um processo que se constrói ao mesmo tempo dentro e fora do Estado. O Estado, como a sociedade, não é algo monolítico. É uma arena que está em constante processo de transformação. Por isso, Paulo Freire defendia a tese de que a Educação Popular pode e deve inspirar as políticas públicas de educação (Beisiegel, 2008). Como concepção geral de educação, a Educação Popular não se restringe ao campo da educação não-formal. Como concepção de educação, a ela pode ser considerada como uma das mais belas contribuições da América Latina ao pensamento pedagógico universal, “uma concepção de educação que deve ser estendida ao conjunto dos sistemas educacionais” (Brandão, 2006: 54).

Ele queria que se falasse de Educação Popular na escola pública e que a própria concepção popular de educação se tornasse a concepção hegemônica. Ele não entendia a Educação Popular apenas como educação não-formal, por mais que valorizasse a informalidade. Ele queria não só democratizar a educação, mas, garantir que ela pudesse “ser popular”, isto é, incorporar em suas práticas os princípios emancipatórios da Educação Popular como parte de um projeto de sociedade. Diz ele: “quando fui Secretário de Educação da cidade de São Paulo, obviamente comprometido com fazer uma administração que, em coerência com o nosso sonho político, com a nossa utopia, levasse a sério, como devia ser, a questão da participação popular nos destinos da escola, tivemos, meus companheiros de equipe e eu, de começar pelo começo mesmo. Quer dizer, começamos por fazer uma reforma administrativa para que a Secretaria de Educação trabalhasse de forma diferente” (Freire, 1993: 74).

Paulo Freire entende Educação Popular como cultura e como processo de mobilização social com vistas a criação de um poder popular. Foi assim que ele a definiu, em agosto de 1985, numa entrevista concedida à educadora Rosa Maria Torres. Nessa entrevista ele afirma que “a Educação Popular se delineia como um esforço no sentido da mobilização e da organização das classes populares com vistas à criação de um poder popular” (Paulo Freire. In: Torres, org. 1987: 74). Para fazer Educação Popular não é necessário estar trabalhando com adultos. A Educação Popular é um conceito de educação que independe da idade do educando, “porque a Educação Popular, na minha opinião”, diz Paulo Freire, “não se confunde, nem se restringe apenas aos adultos. Eu diria que o que marca, o que define a Educação Popular não é a idade dos educandos, mas a opção política, a prática política entendida e assumida na prática educativa” (*Id, ib*, p. 86-87).

Paulo Freire pegou, no final da vida, um período de refundação da Educação Popular, correspondente ao final dos anos oitenta e início dos noventa. A Educação Popular incorporou novos temas e reforçou outros, tais como: o diálogo de saberes, os conceitos de sociedade civil, movimentos sociais e ONGs, política cultural, a questão de gênero, a questão ambiental, a valorização da subjetividade, da intertransculturalidade etc, distanciando-se de uma leitura puramente reprodutivista da educação. O Estado deixou de ser encarado como inimigo, como na época das ditaduras latino-americanas. De uma concepção superpolitizada e unitária, a

Educação Popular tornou-se mais plural, ganhando em diversidade de teorias e práticas. Algumas ONGs passaram a fazer parcerias com administrações populares e democráticas. O processo da Educação Popular se enriqueceu com as novas propostas de educação cidadã (Antunes & Padilha, 2010) e educação em direitos humanos (Pini & Moraes, orgs, 2011).

A participação cidadã é um princípio pedagógico mas é, também, um direito humano. A educação para a cidadania é uma educação em direitos humanos e vice versa. A educação para a cidadania, buscando fortalecer a participação e o controle social, e empoderando pessoas como sujeitos de direitos, forma na luta para a garantia dos mesmos.

4. O “SISTEMA PAULO FREIRE”

O projeto político-pedagógico de Freire - o chamado “Sistema Paulo Freire” - precisa ser entendido no conjunto de um projeto maior: um projeto de nação. Se Paulo Freire precisa ser reinventado, como ele queria, também precisa ser retomado no que se refere a esse **projeto de mundo** brutalmente interrompido pelo golpe civil-militar de 1964.

Os anos 60 foram particularmente marcados pelo otimismo pedagógico, seguidos por uma década de pessimismo que levou mais tarde às teses do “fim da história” e da ascensão do neoliberalismo, criticados por Paulo Freire em seu último livro *Pedagogia da autonomia* (1996).

Pode-se dizer que Paulo Freire ficou distante dessa polêmica, mantendo a dialética entre otimismo e pessimismo, na perspectiva gramsciana - pessimismo da inteligência e otimismo da vontade - sendo caracterizado pelos seus estudiosos, ora como andarilho do óbvio, ora como andarilho da utopia.

Desde muito cedo, com um pé fincado na leitura da realidade, ele se envolveu em projetos muito ambiciosos, como o demonstra a sua tese apresentada como exigência para o concurso para professor da Universidade do Recife, em 1959, *Educação e atualidade brasileira* (Freire, 2000).

Entre essas obras se passaram 37 anos e Freire se manteve numa linha de coerência e de aprofundamento de suas ousadias de juventude, entre elas, o “Sistema Paulo Freire”, muito mais um projeto para de Brasil do que simplesmente um sistema educacional.

Há todo um percurso a ser trilhado se desejamos retomar esse projeto, pois seria necessário reposicioná-lo nos dias de hoje, com o avanço das novas tecnologias da informação, de um lado, e, de outro, no novo contexto do aprofundamento do projeto neoliberal e do neoconservadorismo.

Deveríamos começar pelo resgate dos fundamentos do “Sistema” e de estudos posteriores sobre ele, passando pela criação e posterior desenvolvimento da “Metodologia MOVA” (Gadotti, 2008), a partir de sua experiência como Secretário Municipal de Educação de São Paulo (1989-1991) e desembocando na *Política Nacional de Educação popular* (2014) e no *Marco de referência da educação popular para políticas públicas* (BRASIL, PR/SGPR, 2014).

Paulo Freire pensava grande, como se costuma dizer. Antes do exílio ele se envolveu com um **projeto político global**, uma disputa, que colocou o Brasil, e ele próprio, na chamada Guerra Fria (Kirkendall, 2010). Precisariamos reler Paulo Freire a partir desse projeto que foi muito pouco explorado, entendendo o contexto de hoje e o contexto de ontem que levou Paulo Freire a repensar o projeto de Brasil pós colonial, enredado inicialmente numa disputa entre católicos e liberais, no início do século passado e, depois, na disputa na qual ele estava particularmente envolvido e que o levou ao exílio em 1964.

Os fundamentos político-pedagógicos do “Sistema Paulo Freire” foram expostos pelos seus criadores na revista *Estudos Universitários*, Revista de Cultura da Universidade do Recife (número 4, abril-junho de 1963). Esse número da revista é particularmente emblemático porque é aí que aparecem as primeiras ideias do que foi chamado de “Método Paulo Freire”, parte daquele Sistema. Segundo Carlos Rodrigues Brandão (2006: 83-84) “na cabeça dos seus primeiros idealizadores, o método de alfabetização de adultos era a menor parte de um sistema de educação” do povo e, por extensão, de todas as pessoas “que imaginou poder inverter a direção e as regras da educação tradicional, para que os seus sujeitos, conscientes, participantes, fossem parte do trabalho de mudarem as suas vidas e a sociedade”.

O *Programa Nacional de Alfabetização* (PNA), criado por Paulo Freire em 1963, no governo de João Goulart, fazia parte desse projeto de sociedade. O PNA representava não só um salto qualitativo em relação às campanhas de alfabetização anteriores, mas, um momento do processo de construção de um novo **projeto de poder e de desenvolvimento nacional**.

Tudo isso cairia por terra com o golpe civil militar de 1964. Anos mais tarde, numa entrevista sobre esse período, concedida a Claudius Ceccon e Miguel Darcy de Oliveira e publicada numa edição especial do jornal *O Pasquim* (Rio de Janeiro, nº 462, de 5 de maio de 1978), Paulo Freire disse que “o negócio era tão extraordinário que não poderia continuar (...). Pesava demais na balança do poder. Era um jogo muito arriscado para a classe dominante”. (p. 13-14).

Faz falta hoje uma Política Nacional de Educação Popular, defendida desde meados do século passado por Paulo Freire e como vem sendo reinventada pelo Instituto Paulo Freire (Gadotti & Carnoy, orgs. 2018), nesses últimos 30 anos. A práxis do IPF poderia servir de base para repensarmos o projeto do jovem Paulo Freire.

5. PAULO FREIRE, UM PENSADOR DA CULTURA

Paulo Freire já foi comparado com muitos educadores e sua pedagogia foi entendida de diversas maneiras. Ele não só influenciou muitos pensadores como também foi influenciado por outros. Ele sofreu influências diversas: seu pensamento humanista inspirou-se no personalismo, bem como no existencialismo, na fenomenologia e no marxismo.

Embora não se possa falar com muita propriedade de fases do pensamento freiriano, pode-se dizer que a influência do marxismo deu-se depois da influência humanista cristã. São momentos distintos, mas não contraditórios. Como afirma

o filósofo alemão Woldietrich Schmied-Kowarzik (1983), em seu livro *Pedagogia dialética*, Paulo Freire combina temas cristãos e marxistas na sua pedagogia dialético-dialógica. Trata-se de um pensador da cultura, um dialético. A educação é uma prática antropológica por natureza, portanto ético-política. Por essa razão, pode tornar-se uma prática libertadora. O que há de original em Freire, com relação ao marxismo ortodoxo é que ele afirma a subjetividade como condição da revolução, da transformação social. Daí o papel da educação como conscientização.

A associação entre o humanismo e o marxismo, enriquece seus textos e faz com que eles sejam lidos por um público muito numeroso. Seu pensamento representa a síntese de fontes diferentes, o que coloca, para o leitor iniciante, o problema de apreendê-lo de forma global (Gadotti, 1994).

A contribuição de Paulo Freire ao pensamento educativo mundial não se limita ao que ele diretamente escreveu ou realizou, mas ao que se está fazendo com o seu legado. O que vem sendo feito, por exemplo, pelos Institutos Paulo Freire (www.paulofreire.org) e pelas Cátedras Paulo Freire, entre outros grupos e instituições que estão dando continuidade e reinventando sua obra, é também extremamente relevante hoje ao analisarmos a trajetória intelectual e política de Freire.

Embora ele parta de uma realidade latino-americana, Freire não se limita a ela. Ele dialoga com outras realidades e, assim, elabora uma **teoria complexa**. A pedagogia de Paulo Freire adquiriu um significado universal, uma vez que a relação oprimido-opressor, que ele abordou, ocorre universalmente e suas teorias se enriqueceram com as mais variadas experiências e práticas em diversas partes do mundo. A pedagogia do diálogo que ele praticava fundamenta-se numa filosofia pluralista. O que não significa ter posições “adocicadas”, como ele costumava dizer; significa ter um ponto de vista e, a partir dele, dialogar com os demais.

Sua obra teórica tem servido como fundamento de trabalhos acadêmicos e inspirado práticas em diversas partes do mundo, desde os mocambos do Recife às comunidades barakumins do Japão, passando pelas mais consagradas instituições educacionais do Brasil e de outros países. Tal influência abrange as mais diversas áreas do saber: a pedagogia, filosofia, teologia, antropologia, serviço social, ecologia, medicina, psicoterapia, psicologia, museologia, história, jornalismo, artes plásticas, teatro, música, educação física, sociologia, pesquisa participante, metodologia do ensino de ciências e letras, filologia, ciência política, currículo escolar e a política de educação dos meninos e meninas de rua.

A crescente publicação das obras de Paulo Freire em dezenas de idiomas e a ampliação de fóruns, cátedras e centros de pesquisa criados para pesquisar e debater o seu legado, bem como o número de trabalhos escritos sobre ele, são indicações da grande **vitalidade do seu pensamento**. Tal projeção confere ao conjunto de suas produções o caráter de uma obra universal.

A educação problematizadora e a metodologia da pesquisa dos temas geradores, duas das suas principais inovações teóricas e metodológicas, têm sido implementadas não somente nos estudos sociais e nos currículos de educação de adultos, educação básica e ensino superior, mas também em diversas áreas, como o ensino de matemática e física, planejamento educacional, estudos de gênero, literatura, psicologia educacional, e assim por diante.

Não podemos ver Freire apenas como um educador de adultos ou como um acadêmico, ou reduzir sua obra a uma técnica ou metodologia. Ela deve ser lida dentro do “contexto da natureza profundamente radical de sua teoria e prática anti-colonial e de seu discurso pós-colonial”, como sustenta Henry Giroux (1993: 177). Isso nos vai mostrar que Freire assumiu o risco de cruzar fronteiras para poder ler melhor o mundo e assumir novas posições sem sacrificar seus compromissos e princípios.

A pedagogia de Paulo Freire adquiriu **sentido e significado universal** a partir da relação entre oprimido e opressor, demonstrando que isso ocorre em todo o mundo. Suas teorias, como já dissemos, têm sido enriquecidas por muitas e variadas experiências em muitos países. Além dos países em que o próprio Paulo Freire trabalhou diretamente, muitos outros têm traduzido suas ideias em numerosas práticas com resultados muito positivos.

Faz mais de meio século que sua principal obra, *Pedagogia do Oprimido*, foi escrita e continua ainda muito atual. Para aqueles que não se conformam com o pensamento único neoliberal, para aqueles que acreditam que “um outro mundo é possível”, a palavra “oprimido” não perdeu vigência, não perdeu sentido e nem atualidade: “a importância de Paulo Freire foi de ter mostrado que o oprimido jamais é somente um oprimido. É também um criador de cultura e um sujeito histórico que, quando conscientizado e organizado, pode transformar a sociedade” (Boff, 2008: 16).

Como afirma Henry A. Giroux, “*Pedagogia do oprimido* continua a desempenhar vigoroso papel na concepção de variados debates por todo o mundo a respeito da natureza, significado e importância da educação como forma de política cultural (...), reescreve a narrativa da educação como um projeto político que, ao mesmo tempo, rompe as múltiplas formas de dominação e amplia os princípios e práticas da dignidade humana, liberdade e justiça social (...), retraça o trabalho de ensinar como prática de todos os trabalhadores culturais engajados na construção e organização do conhecimento, desejos, valores e práticas sociais (...), reescreve a linguagem da política dentro e não fora da responsabilidade radical da ética (...), encarna o compromisso de toda a vida de um homem que associa teoria e ação, compromisso e humildade, coragem e fé” (Giroux, 1996: 569-570).

6. UM MAPA DE NAVEGAÇÃO EM TEMPOS OBSCUROS

O escritor e psicanalista brasileiro Rubem Alves afirma que *Pedagogia do oprimido* é como um “mapa de navegação” como aqueles que eram produzidos “na época das grandes navegações, que apontam para as terras obscuras que existem mais no sonho do que no conhecimento - mapas proféticos que abrem caminhos inexplorados e convidam o viajante a sair das seguras rotas conhecidas e a se aventurar por regiões que outros nunca visitaram. Paulo Freire fez isto: sugeriu caminhos novos para o pensamento. Mostrou circularidade dos caminhos velhos da educação, pelos quais se caminhava sem nunca se sair do lugar (...). A obra de Paulo Freire foi isto: semente frutífera que vai morrendo e se transformando

como exigência da própria vida que vai explodindo os limites que aprisionam” (Alves, 2008: 35).

Várias gerações de educadores, antropólogos, cientistas sociais e políticos, profissionais das áreas de ciências exatas, naturais e biológicas, foram influenciados por ele e ajudaram a construir uma pedagogia fundada na liberdade. O que ele escreveu faz parte da vida de toda uma geração que aprendeu a sonhar com um mundo de igualdade e justiça, lutou e está lutando por um outro mundo possível.

Alguns certamente gostariam de deixar a obra de Paulo Freire nas prateleiras, no passado, na história da pedagogia. Outros gostariam de esquecê-lo, por causa de suas opções políticas. Certamente, suas ideias não agradaram a todos. Em certos lugares, até hoje, ele é interdito. Mas, para os que desejam conhecer e viver uma pedagogia de inspiração humanista e para a justiça social, sua obra é imprescindível.

A força do seu pensamento não está só na sua teoria do conhecimento mas em apontar uma direção, mostrar que é possível, urgente e necessário mudar a ordem das coisas. Paulo Freire não só convenceu tantas pessoas em tantas partes do mundo pelas suas teorias e práticas, mas também porque despertava nelas, pessoalmente ou por meio de seus escritos, a capacidade de sonhar com uma realidade mais humana, menos feia e mais justa. Como legado nos deixou a utopia.

7. POR QUE CELEBRAR O CENTENÁRIO DE PAULO FREIRE?

Entendemos o centenário de Paulo Freire como um espaço-tempo de articulações, como um processo formativo e de mobilização com vistas à transformação da realidade, a garantia de direitos, direito a uma educação emancipadora.

A práxis de Paulo Freire opôs-se ao neoliberalismo e hoje, ao celebrar o centenário, estamos também nos contrapondo à ofensiva ideológica neoconservadora e fortalecendo o pensamento crítico freiriano, promovendo ações e projetos alternativos à mercantilização da educação promovida pelo projeto neoliberal.

Nossas celebrações têm um significado e um sentido propositivo e prospectivo. Trata-se de agregar e compartilhar as atividades não como eventos separados, mas, unidos em torno das mesmas causas. Não competir entre elas mas compartilhar o que é comum e diferente.

Essa é a visão que temos das celebrações do centenário.

Enfim, voltando à pergunta inicial: *por que celebrar Freire?*

Busco uma resposta possível a partir de um e-mail que recebemos no Instituto Paulo Freire, no dia seguinte de seu falecimento, entre mais de 700 mensagens. Uma dela diz textualmente: *“minha vida não seria a mesma se eu não tivesse lido a obra de Paulo Freire. O que ele escreveu ficará no meu coração e na minha mente”*.

Em tempos obscuros como o que estamos vivendo, de retrocessos sociais e políticos, precisamos de referenciais como os de Paulo Freire, para nos ajudar a encontrar o melhor caminho, de resistência e luta, nessa travessia. Para superar essa onda conservadora, nossa resposta a esses tempos obscuros é celebrar Freire.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem, 2008. "Estar sempre pronto para partir...". In: GADOTTI, Moacir, org. 2008. *40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, p. 35.
- ANTUNES, Ângela & Paulo Roberto PADILHA, 2010. *Educação cidadã, educação integral: fundamentos e práticas*. São Paulo: Instituto Paulo Freire.
- BEISIEGEL, Celso de Rui, 2008. *Política e Educação Popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil*. Brasília: Liber.
- BOFF, Leonardo, 2008. "Pedagogia do oprimido e Teologia da Libertação". In: GADOTTI, Moacir, org. 2008. *40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, pp.16-17.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues, 2006. *O que é Educação Popular*. São Paulo: Brasiliense.
- BRASIL, PR/SGPR, 2014. *Marco de referência da educação popular para políticas públicas*. Brasília: BR/SGPR.
- FREIRE, Paulo e Antonio Faundez, 1985. *Por uma pedagogia da pergunta*. São Paulo: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo, 1977. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra (primeira edição de 1970).
- FREIRE, Paulo, 1991. *Educação na cidade*. São Paulo: Cortez.
- FREIRE, Paulo, 1993. *Política e educação*. São Paulo: Cortez.
- FREIRE, Paulo, 1997. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo, 2000. *Educação e atualidade brasileira*. São Paulo: Instituto Paulo Freire / Cortez.
- GADOTTI, Moacir (org.), 1996. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez/ Instituto Paulo Freire.
- GADOTTI, Moacir & Martin CARNOY, orgs. 2018. *Reinventando Freire: a práxis do Instituto Paulo Freire*. São Paulo: Instituto Paulo Freire.
- GADOTTI, Moacir, 1994. *Reading Paulo Freire: His Life and Work*. Albany: SUNY Press.
- GADOTTI, Moacir, 2008. *MOVA, por um Brasil Alfabetizado*. São Paulo: Instituto Paulo Freire.
- GIROUX, Henry A. 1993. "Paulo Freire and the Politics of Postcolonialism". In: McLAREN, Peter & Peter Leonard, ed., 1993. *Paulo Freire: a Critical Encounter*. London and New York: Routledge, pp. 177-188.
- GIROUX, Henry A. 1996. "Um livro para os que cruzam fronteiras". In: GADOTTI, Moacir, org. 1996. *Paulo Freire, uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, pp. 569-570.
- KIRKENDALL, Andrew J., 2010. *Paulo Freire and the Cold War Politics of Literacy*. North Carolina: Green Press Initiative.
- PINI, Francisca Rodrigues de Oliveira e Célio Vanderlei MORAES (orgs.), 2011. *Educação, participação política e Direitos Humanos*. São Paulo: Instituto Paulo Freire.
- SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich, 1983. *Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense.

TORRES, Carlos Alberto, 2014. *First Freire: early writings in Social Justice Education*. New York and London: Teachers College Press.
TORRES, Rosa Maria, org., 1987. *Educação Popular: um encontro com Paulo Freire*. São Paulo: Loyola.

Moacir Gadotti é Fundador e atual Presidente de Honra do Instituto Paulo Freire. Licenciado em Pedagogia e Filosofia, mestre em Filosofia da Educação pela PUC-SP, doutor em ciências da educação pela Universidade de Genebra (1977), na Suíça, livre-docente pela Unicamp-SP e professor titular aposentado da Universidade de São Paulo. É autor de uma extensa obra, incluindo Pedagogia da Terra, Os mestres de Rousseau, A escola dos meus sonhos, Educar para a sustentabilidade, onde desenvolve uma proposta educacional cujos eixos são a formação crítica do educador e a construção da Educação Cidadã numa perspectiva dialética integradora e orientada pelo paradigma da sustentabilidade. Contato: ipf@paulofreire.org